

COMUNIDADES, BEM-VIVER E NARRATIVAS CONTRA- HEGEMÔNICAS

COMMUNITIES, GOOD LIVING AND COUNTER-HEGEMONIC NARRATIVES

COMUNIDADES, BEM-VIVER E NARRATIVAS CONTRA-HEGEMÔNICAS

Dayane Nascimento Sobreira¹
Flávia Lorena Brito²
Flávia Pereira Machado³

[...] Oh! Identidade/ E entre um fato e outro/ Morderei tua cabeça/ Como quem procura a fonte da tua força/ Da tua juventude/ O poder da tua gente/ O poder do tempo que já passou/ Mas que vamos recuperar./ E tomaremos de assalto moral/ As casas, os templos, os palácios/ E os transformaremos em aldeias do amor/ Em olhares de ternura/ Como são os teus, brilhantes, acalante identidade/ E transformaremos os sexos indígenas/ Em órgãos produtores de lindos bebês guerreiros do futuro/ E não passaremos mais fome/ Fome de alma, fome de terra, fome de mata/ Fome de História [...]
(POTIGUARA, 2004, p. 103)

As mudanças climáticas, as reconfigurações territoriais, a destruição do ambiente e das formas de vida de povos originários e comunidades tradicionais, se tornaram a tônica das sociedades modernas e globalizadas. Em nome da racionalidade ocidental e de um projeto de poder moderno, colonial e capitalista/neoliberal, as comunidades, em diferentes territorialidades, espacialidades e temporalidades, foram sendo devastadas não apenas no que tange aos territórios ocupados, mas fundamentalmente em seus conhecimentos e práticas.

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da UFBA. É professora substituta no Centro de Humanidades na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus Guarabira. Integra os grupos de pesquisa CIGE – Ciência, Gênero e Educação (UFBA) e ProjeTAH – História das Mulheres, Gênero, Imagens, Sertões (UFPB), além do GT de História Agrária da Bahia. Tem interesse em temas que versem sobre história do feminismo, história das mulheres na Paraíba, movimentos de mulheres rurais, movimentos sociais do campo, educação do campo, história agrária e ensino de História. Faz parte da equipe do *Podcast Paraibanas*, que divulga histórias de mulheres e grupos de mulheres do estado. Contato: dayanesobreira26@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) na linha Movimentos Sociais, Política e Educação Popular. Atualmente é servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), Campus Barra do Garças. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação (GEPEG/FH/UFMG); e do Anômalos – Pesquisas e Estudos em Gênero, Sexualidades, Classe, Etnicidade/Raça (UFCat/CNPq). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social e Cultural, principalmente nos temas: Movimentos Sociais Rurais e Urbanos, Representações, Identidades Culturais, Ensino de História e Formação de Professores, Gênero e Interseccionalidades; Feminismos contra-hegemônicos e decolonialidades. Contato: britoflavialorena@gmail.com.

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG) na linha Fronteiras, Interculturalidades e Ensino de História. Atualmente é professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Campus Goiânia. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Gênero (GEPEG/FH/UFMG); e do Anômalos – Pesquisas e Estudos em Gênero, Sexualidades, Classe, Etnicidade/Raça (UFCat/CNPq). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social e Cultural, principalmente nos temas: Movimentos Sociais Rurais e Urbanos, Representações, Identidades Culturais, Ensino de História e Formação de Professores, Gênero e Interseccionalidades; Feminismos contra-hegemônicos e decolonialidades. Contato: flavia.ifg.machado@gmail.com.

O “abuso da razão”, nas palavras de Ailton Krenak (2019), trouxe uma ruptura em relação a estas vivências e narrativas tradicionais, o que nos leva a ressoar os mesmos questionamentos do referido autor: “por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente?” (KRENAK, 2019, p. 19). E mais: que pactos coloniais tais omissões e silenciamentos perpetuam? Nesse sentido, a partir de um diálogo trans, multi e interdisciplinar alinhavado pelas escritas da história, o presente dossiê foi articulado frente ao desafio de evidenciar diferentes formas comunitárias e protagonismos dissidentes, em torno de práticas e princípios de complementaridade, autonomia, reciprocidade - em contraponto às narrativas de poder costuradas a partir de linhas abissais, que continuam a estruturar o pensamento moderno, nos dizeres de Boaventura de Sousa Santos (2009).

As redes de movimentos sociais, mestres/as de saberes tradicionais, sertanejas, benzedadeiras, mulheres indígenas, sem-terra, “margaridas”, a citar alguns/algumas, veem atuando na construção de epistemologias contra-hegemônicas, na inter-relação entre saberes ditos, ou não, como científicos, e na profusão do bem-viver enquanto contraponto à crise civilizatória e ambiental deslançada pelo capitalismo e seu aporte ideológico pautado no individualismo e no racionalismo. A partir do feminismo comunitário, entende-se esse espectro social enquanto princípio que preza acima de tudo pela vida em detrimento dos valores e da ética moderna do consumo e do lucro (PAREDES, 2020).

Desse modo, compreendemos que estes agenciamentos de sujeitos, sujeitas e sujeites, bem como de diversos grupos sociais e comunidades, são estruturados na relação entre as opressões e as resistências, evidenciando-se como “a volta para dentro, em uma política de resistência, rumo à libertação” (LUGONES, 2014, p. 94). Frente a estes cenários complexos e paradoxais, propomos este dossiê, na expectativa de reunirmos artigos que reflitam sobre saberes e fazeres re-existentes, de sujeitos/as/es subalternizados/as/es, das formas comunitárias do bem-viver e das lutas contra os processos de aniquilação cultural, ambiental e política de grupos sociais e comunidades diversas que irrompem a partir das margens.

Em busca de diálogos com a sabedoria das vivências reunimos contribuições de diversas áreas e autorias de sujeitos/as/es com lugares de fala e pertencimento diversos. Considerando, dessa forma, a dimensão do pluriverso como contraponto ao epistemicídio que a modernidade promoveu por intermédio também das Universidades, onde diversas formas de conhecer e perceber o mundo foram silenciadas, dando lugar a uma falsa unidade, uma “universalização” dos saberes e das práticas. Mirar o mundo desde a noção de pluriverso contrasta com a suposição de mundo uno, de que há uma só realidade à qual correspondem múltiplas culturas e

representações subjetivas. “Para la propuesta del pluriverso hay muchas realidades o ‘reales’, aunque no se pretende “corregir” la creencia en un solo ‘real’ bajo el argumento de ser una explicación más verdadera de ‘la realidad” (ESCOBAR, 2014, p. 145).

Assim, acreditamos, conforme Walsh (2014), que essas reflexões provocam fissuras e gretas nos saberes colonizadores/colonizados, promovendo a salvaguarda dos saberes e fazeres decoloniais e de re-existências outras. São dimensões transgressoras e potentes que apontam para uma nova cosmologia de saberes, em suas epistememes insurgentes, re-existent e pluriversas.

É nesse sentido que esse número da Revista Anômalas reuniu um total de dez artigos, sete deles neste dossiê.

O artigo *Os princípios do bem viver na comunidade quilombola do Sítio Arruda em Araripe - Ceará*, de autoria de Tayronne de Almeida Rodrigues, evidencia como os princípios do bem viver estão presentes nos discursos de moradores da comunidade cearense e para isso se vale da análise de documentários disponíveis no *YouTube*, cujas falas nos permitem adentrar o universo das experiências vivenciadas por homens e mulheres, jovens e anciãos, cujas práticas integram os saberes e a força da comunidade.

A temática é revisitada pelo autor, numa densa revisão bibliográfica a respeito do bem viver, cujas bases remetem às práticas e sabedorias originárias. Algumas imagens (*frames* dos documentários) nos deixam mais próximas/os/es de seu *locus* de pesquisa e de seus sujeitos/as/es.

Por meio de um estudo bibliográfico de abordagem qualitativa, o artigo *Reflexões sobre identidade e diferença a partir do convívio com as crianças Terena da aldeia urbana Darcy Ribeiro, Campo Grande - MS*, de autoria de Daniele Gonçalves Colman e Gustavo dos Santos Sousa, propõe um olhar crítico em torno das produções acadêmicas com/sobre crianças indígenas em contextos urbanos no Mato Grosso do Sul, com o objetivo de construir um referencial teórico e metodológico para a pesquisa desenvolvida por *elxs* junto às crianças Terena na referida aldeia.

Ainda que a produção sobre populações indígenas tenha uma forte presença nos programas de pós-graduação em Educação, História e Antropologia no MS, Colman e Sousa revelam que as pesquisas e publicações sobre crianças indígenas neste território, aparecem ainda de forma tímida, especialmente as que vivem em áreas urbanas. Em busca da superação das perspectivas segregacionistas e estigmatizantes, *xs* autorxs elaboram uma compreensão sobre as crianças indígenas a partir da ótica das mesmas.

A Colonialidade do poder e suas incidências nos processos sócio-históricos de uma comunidade Quilombola busca discutir, por meio do conceito de “Colonialidade do poder” desenvolvido por Aníbal Quijano, de que forma a lógica de poder imbuída por aspectos eurocêntricos excluem a população negra da condição de cidadãs, exercendo influências nos processos sócio-históricos e políticos das comunidades quilombolas. Foi utilizado na análise o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Incra (RTID, 2010), criado no processo de reconhecimento do território quilombola Tomás Cardoso em Goiás em seus aspectos históricos, sociais e políticos. Conforme apontado no texto, é fundamental forjar em âmbito popular mecanismos que promovam o resgate das narrativas que foram marginalizadas para que seja possível romper com essa lógica colonialista de poder.

É também no bojo de um pensamento decolonial que o texto *Poéticas do “Bem Viver”*: *cartografia de experimentações ontológicas em uma comunidade intencional* apresenta um relato de experiências de pesquisa a partir do campo empírico, onde as autoras buscam perceber como alguns grupos estão materializando a possibilidade de outros modos de viver a partir de comunidades intencionais (ecovilas, ecoaldeias, *cohousing*, *coliving*, etc.). A partir de tais experiências, percebe-se a potência de vivências outras, a partir do conceito/noção de Bem Viver, que possibilita sonhar novas/antigas formas de nos relacionarmos uns com os outros, com a natureza e com o sagrado e nessas mediações propor outra lógica pluriversal.

O artigo *Esperanças: o protagonismo das mulheres e a luta por sobrevivência na Comunidade Quilombola da Pinguela em Amélia Rodrigues - BA*, escrito por Tainara Margarida Rodrigues Moraes, percorre as memórias dos/das/des moradores/as/es da Comunidade Quilombola da Pinguela, comunidade negra rural no interior da Bahia, com o intuito de identificar em suas narrativas orais a (re)criação da identidade territorial e cultural.

As narrativas desvelam, para a autora, a agência das mulheres da comunidade, desde o mito fundacional da mesma, por meio da trajetória de uma ancestral negra, até a atuação de Dona Rita, liderança e referência na luta regional das comunidades quilombolas da região. As experiências das mulheres da comunidade evidenciam seus enfrentamentos na luta pelo e no território e pela manutenção das culturas, saberes e fazeres ancestrais, as colocando enquanto sujeitas ativas.

Vinícius Machado Luz e Vânia Dolores Estevam de Oliveira propõem em seu artigo *Foliões e Folias: memória e identidade nas performances de gênero das Folias de Santa Dica*, desnudar duas festividades realizadas na cidade de Lagolândia - GO, a saber a Folia de Reis e a Folia de São João. As folias ocorrem anualmente na cidade, sendo as mesmas organizadas exclusivamente por homens, no caso da Folia de Reis, e por mulheres, na Folia de São João.

As reflexões dos autores são direcionadas a partir da perspectiva das performances culturais, com a intenção de compreender como os ritos religiosos recolocam as relações de gênero, as práticas culturais e a memória e identidade da comunidade de Lagolândia.

Em *As performatividades das indumentárias do Carimbó*, Elyane Lobão da Costa e Vânia Dolores Estevam de Oliveira, investigam um dos elementos constitutivos do carimbó, as indumentárias. Ao analisar o vestuário dos brincantes do Carimbó na região nordeste do Pará, as autoras evidenciam como estas performances são atravessadas pelas histórias cruzadas, pelas interações estabelecidas entre povos e classes sociais distintas, nas relações entre homens, mulheres e a natureza. Por meio das indumentárias, os carimbozeiros comunicam e reafirmam suas identidades.

Desse modo, nós, mulheres desde Goiás, Mato Grosso e Paraíba, que coordenamos o presente dossiê, convidamos a *todes* para se aventurarem na leitura dessas reflexões tão diversas, mas que se encontram nas encruzilhadas epistêmicas e políticas, impulsionadas pela potência das sujeitas/ sujeitos/ sujeites, de suas agências, experiências e formas comunitárias de resistências e (re) existências. Narrativas, memórias e histórias que desafiam o olhar ocidental e nos instigam a reposicionarmos diante da vida e da maneira como produzimos conhecimentos nos espaços de poder institucionalizados. Seguimos com as (in)certezas e (im)possibilidades de escritas pujantes e potentes, como bem coloca Ivone Gebara:

A história é o enfrentamento de diferentes forças sociais, e esse enfrentamento não tem fim. Por isso, é melhor deixar a reflexão em aberto para que o pluralismo de muitas e a diversidade de perguntas e respostas possam emergir e tenhamos condições de decidir os rumos de nossa história de obediências e desobediências. (GEBARA, 2022, p. 266).

REFERÊNCIAS

ESCOBAR, Arturo. *Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*. Medellín: Universidad Autónoma Latinoamericana UNLAULA, 2014.

GEBARA, Ivone. Desobedecer é inventar a vida. In: DINIZ, Débora. GEBARA, Ivone. *Esperança feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022, pp. 267-276.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 03, p. 935-952, 2014. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 04 nov. 2021.

PAREDES, Julieta. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. In: HOLANDA, Heloísa B. de [et al]. (orgs.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina; CES, 2009.

WALSH, Catherine. *Notas pedagógicas desde las grietas decoloniales*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2014.

*Recebido em: 20 de abril de 2022.
Aprovado em: 20 de maio de 2022.*